

O "PROBLEMA" LEITE NO ESTADO DO PARA

01573
1981
FL-PP-01573

Alfredo Homma

Em
Amazônia Oriental

L-INTRODUÇÃO

O problema da produção de leite que abastece a cidade de Belém não deve ser analisado com uma simples ótica voltada para o setor primário, mas parece que envolve todo um complexo sócio-econômico e político e mesmo de natureza cultural. A pressuposição de que o problema LEITE estava ape nas no setor primário tem levado a muitas ações governamentais a uma completa perda dos seus esforços dispendidos- no qual os personagens interessados se esvaíram seus objetivos ou suas ações, tanto intencionais e dos ajustamentos sócio-econômicos e políticos.

Nesta premissa, a primeira observação, dá-se a entender a existência de um círculo vicioso envolvendo a oferta de leite e a sua produção. Por que os produtores não estão interessados em produzir leite? -esta seria a primeira pergunta a ser formulada. A situação torna-se bem complexa quando analisamos a atual COOLEITE que recebe em média 10 mil litros de leite, isto é trabalhando com uma capacidade ociosa de 75%- por outro lado o mercado potencial para leite "in natura" depreende a possibilidade de consumir diariamente em torno de 40 mil litros de leite. O que estaria acontecendo então?

* Por outro lado se analisamos as importações ou entradas de leite na cidade de Belém vamos verificar que estas tem crescido a taxas respeitáveis tanto em quantidade como no valor, induzindo a uma sangria na economia estadual. Então vejamos para o caso de leite em pó e do leite esterilizado:

Mes e ano	Quantidade(kg)	Valor(Cr\$)	
07/79	245.726	36.571.792	
08/79	345.517	53.177.559	
09/79	415.750	407.763,6	68.697.021 64.048.019,20
10/79	567.487		62.836.367
12/79	464.338	4.884,1	98.957.357
02/81	427.837		102.575.951
03/81	348.371		85.886.288
04/81	566.426	471.231,50	109.140.954,50
			109.066.229

e para o caso de leite esterilizado tipo ALIMBA e PARMALAT:

Mes e ano	Quantidade(kg)	Valor(Gr\$)
07/79	167.534	4.702.464
08/79	349.056	10.127.278
09/79	373.983	300.725,20 9.002.738 8.686.689,50
10/79	375.222	10.384.721
12/79	237.831	9.216.237
02/81	252.051	13.614.860
03/81	336.866	310.809,25 12.226.779
04/81	422.658	17.378.934 14.445.565,75
05/81	231.654	3.720 t 14.561.690 168 milhões

Efetuando a redução do leite em pó na razão de 1:7 e somando com a quantidade de leite esterilizando vamos verificar que o leite in natura representa apenas 1/10 do consumo total de leite,ressalvadas as exportações saídas da cidade de Belém.

Portanto cabe averiggar uma série de hipóteses concernentes aos macro-problemas como causa e efeito da baixa oferta de leite em Belém na concepção do produtor de leite.Os aspectos tecnológicos constituiriam mais efeito decorrentes dos macroproblemas;os custos de produção de leite in natura em comparação com equivalente em leite em pó e derivados seriam mais baratos e práticos para o consumidor o que desestimularia os produtores locais;seria possível aumentar o conjunto dos produtores de leite pela incorporação do conjunto parcial ligado a pecuária de corte aumentando desta forma a oferta de leite;seriam os problemas ligados ao ciclo da pecuária como as causadoras entre as inúmeras outras.Tendo em vista checar estas hipóteses a primeira vista e na seleção dos produtores para acompanhamento numa provável pesquisa entrevistamos nesta viagem 17 produtores localizados no trecho supracitado.

2-UMA VISÃO HISTÓRICA

Em dados não tabulados de uma pesquisa conduzida por volta de 1963, SOARES, L.P & NOGUEIRA, R entrevistaram cerca de 101 produtores localizados na cidade de Belém.Parece que com a abertura da rodovia Belém-Brasília causou o rompimento da estrutura destas vacarias que ficavam nas principais logradouros da cidade de Belém.Com a facilidade de transporte abriu portan-

as portas da cidade de Belém para as importações de leite em escala maciça. Tabulando os dados supracitados nos vamos encontrar que :

1-Dos produtores entrevistados 72,28% tinham área própria e 27,72% em área arrendada.

2-A composição do rebanho mostrava a seguinte distribuição:

Touros	4,96%
Garrotes	5,53%
Mamotes	6,40%
Bezerros	8,75%
Vacas	44,72%
Novilhas	14,06%
Momotás	6,40%
Bezerrias	9,18%

3-Em termos absolutos o rebanho médio era composto de 22 reses com 10 vacas por proprietário.

4-Quanto ao regime de manejo, a estabulação permanente dominava com 76,24%, vindo a seguir a semi-estabulação com 22,77% e 0,99% em regime de campo.

5-Apenas 3,96% dos proprietários não faziam a 2ª ordenha. A produtividade de leite na 1ª ordenha era de 3,91 litros e a segunda da ordenha de 2,85 litros. O total de vacas ordenhadas em relação ao total de vacas era de 34,74%.

6-Em termos de ração utilizada pelos criadores destacam-se as seguintes:

	% criadores	Quantidade animal/dia
Farelo	59,40	2,10 kg
Farelinho	34,65	0,65 kg
Tôta algodão	39,60	0,22 kg
Torta babaçu	13,86	0,07 kg
Balanceada	25,74	0,19 kg
Farinha seca	73,27	0,63 kg
sal grosso	21,78	7,77 g
sais minerais	2,97	0,26 g

7-Em termos de cuidados sanitários ,82,18% aplicavam vacinas contra a aftosa ,4,95% contra a brucelose,2,97% contra a pneumoneterite,1,98% para a manqueira.Os testes para a brucelose e tuberculose,indicam que 49,50% e 45,54% fizeram este tipo de análise.

Portanto coma a abertura da rodovia Belém-Brasília houve a quebra desta estrutura produtiva e a pecuária tomou o rumo das estradas em esquema de pecuária de corte,dada a dimensão do recurso terra ,facilidade de trabalho, etc. culminando com as grandes fazendas agropecuárias,cujo símbolo foi a cidade de Paragominas.

Em levantamento realizado em 1977 ,ver Comunicado Técnico 13,dá-se para apreender estas transformações,em que se observa grandes movimentos de estoques no rebanho do fazendeiro,a identificação do melhor capim em contraste do Quicúio com o Colômbio,a presença institucional da COLEIPA na tentativa de obtenção do leite via presença que já se fazia notar no trecho da rodovia entre Belém e Castanhal entre aqueles que faziam alguns esforços no sentido de plantar capineiras.

*3-O FORNECIMENTO ATUAL DE LEITE (1981)

Atualmente a CODELITE recebe leite de cerca de 122 pecuaristas distribuídos da seguinte maneira:

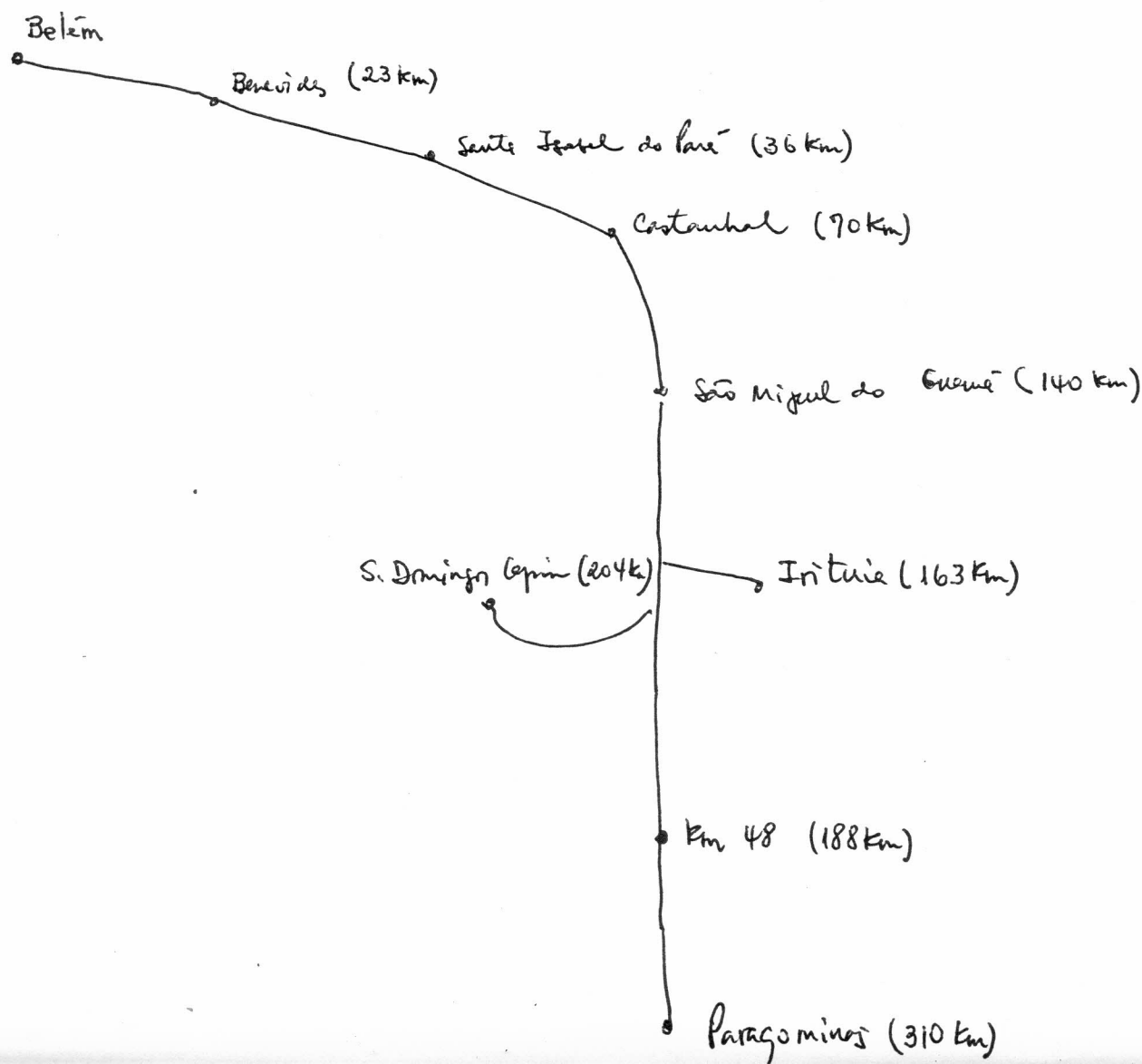
Localidade	nº de fornecedores	Média/produto/mês	Quantidade(KG)
Benevides	6	2.765,00	16.590
Santa Isabel do Pará	5	4.552,40	22.762
Castanhal	30	3.681,20	110.436
Irituia	23	1.759,52	40.469
São Domingos do Capim	9	1.616,33	14.547
São Miguel do Guamá	14	2.046,86	28.656
Paragominas	22	2.138,23	47.041
Piripá	13	2.022,38	26.291
Total Geral	122	2.514,69	306.792

* Como podem ver somente Castanhal produz mais de 1/3 do total de leite, situado a cerca de 70 km de Belém em contraste com Paragominas apesar do grande número de efetivo bovino lá existente e distante cerca de 310 km da cidade de Belém, cujo assunto vamos voltar mais tarde, o que achamos como grande entrave na formação da bacia leiteira.

Quanto a estratificação do produtor de leite em termos de quantidade produzida dá a seguinte visão:

Estrato	Nº absoluto	%	Quantidade(kg)	%
menos de 1500 kg/mês	66	54,10	45.793	14,93
1500 a 3000 kg/mês	28	22,95	65.545	21,36
3000 a 6000 kg/mês	17	13,93	65.941	21,49
mais de 6000 kg/mês	11	9,02	129.513	42,21
TOTAL	122	100,00	306.792	100,00

*⁹ Isto é, mais da metade dos produtores de leite produzem menos de 1500 kg/mês cuja produção total representa apenas 15% e que, 10% dos produtores de leite produzem 42% do leite total. Este é outro fator que vai chamar nossa atenção nas conclusões em que talvez oriente melhor a política de incentivo a produção de leite. Basta dizer também que estes 11 maiores estão no trecho de Belém a Castanhal.



4-TESTE DE HIPÓTESES

P1 * A primeira observação seria a de que Paragominas com um grande plantel de rebanho bovino não poderia aumentar a oferta de leite? Em conversas e visitas efetuadas às propriedades chegamos à conclusão de que dada a especificidade para a pecuária de corte, acostumado a fazer grandes pastagens de capim colínião ou Quicuí o produtor não está interessado em fazer trabalhos um pouco mais intensivos com a formação de capineiras. O que aparece é que os supostos produtores de leite estejam fazendo um tipo de extensivismo leiteiro, das vacas existentes e alimentadas apenas com pastagem. Outra observação é que a pecuária de leite é uma fase intermediária para a pecuária de corte, que é muito mais cómoda, sem precisar acordar de madrugada e da constância de trabalho exigido diariamente. Isto portanto tem grande implicação nos programas de financiamentos para pecuaristas de leite, pois o interesse destes é desviar suas atividades para pecuária de corte.

Quando se aproxima de São Miguel do Guamá já se começam a ver-se capineiras para corte, indicando uma diferença estrutural de comportamento. Por outro lado a distância de Paragominas para Belém, encoraja uma política para concentrar estas atividades até num raio de 150km como sendo mais adequado.

* Em Paragominas há casos em que é preciso entrar em ramais de 19 km apenas para buscar 100 litros de leite o que representa um grande desperdício de combustível e esforços.

P2 * A dependência de ração e a sua inconstância de cevada, farelho de trigo, constituem grandes limitações e do encarecimento do custo de produção, bem como do oligopsonio no controle destes recursos. Não se pode conceber a pecuária leiteira dependendo apenas do pasto extensivo, o que representaria pela sua baixa produtividade a sua anti economicidade.

P3 * As observações também mostraram que não existe um sistema definido de tipos de produtores de leite. O que existe é apenas um sistema de produção, com variações apenas na quantidade de alimento que ele fornece ao rebanho, na quantidade de leite que colhe, e na disponibilidade de pastagens. Portanto a hipótese de estudar diversos sistemas de produção com níveis tecnológicos distintos não vale a pena. Existe apenas para aqueles grandes produtores de leite que podemos realmente dar algum título referente como sendo produtor de leite.

*Ru
 Outra observação que se ~~fb~~zenotar é que todos os "pecuaristas de leite" tem ~~mensta~~ como uma atividade secundária, ~~dedivandoa~~ supermercados, oficinas mecânicas, donos de postos de gasolina, grandes fazendas de gado de corte, firmas de serviços, etc. com atividades as mais variadas possíveis. Não se observa como no caso de Minas Gerais em que o pecaarista de leite é ~~peuarista~~ de leite, vivendo única e exclusiva desta atividade com ligeiras combinações talvez com a cultura do café, etc. Este é outro ponto que deve ser enfocado num programa de fomento a produção de leite.

5-0 Dualismo na produção de leite

A atual dualismo de atividades existentes entre os produtores que dedicam a "atividade" leiteira constitui uma necessidade para a sobrevivência, dada a instabilidade dessa atividade. Essa instabilidade desagua, tendo como "objeto símbolo" a COOLEITE, representado como o fruto de dualismo existente no setor. No aspecto tecnológico, esta instabilidade reflete como desincentivo à qualquer transformação tecnológica de vulto, para a obtenção de uma economia de escala. ^{P*} Neste caso enquadra-se a execução da segunda ordenha, como condição sine qua non para a melhoria da eficiência econômica de qualquer empreendimento leiteiro, podendo aumentar em mais 40% a oferta diária de leite em relação a aqueles que adotam apenas uma ordenha. A longo prazo, um programa de manejo e seleção do rebanho poderia aumentar a produção em até 200%.

^{P5} ~~*Ru~~ No caso do consumidor este dualismo se faz presente quando se compara o preço do leite em pó com o preço do leite COOLEITA. Tomando-se o preço do leite NINHO (lata de 454 gramas, preço Cr\$ 212,00 em 03/set./81), utilizando a especificação do fabricante de utilizar 130g/litro nos teríamos que:

Cr\$ 60,70/litro (leite NINHO)

Cr\$ 42,00/litro (leite COOLEITEE) - o que corresponde a 69,19% do NINHO

A especificação do fabricante, por certo, representa um produto de alta qualidade, que, contudo as populações de baixa renda não devem estar sendo seguidas. A colocação de 89,94 gramas/litro nivela os dois tipos de leite, com as vantagens advindas de durabilidade, disponibilidade de vasilhames e conservação adequada, riscos de derrame ou estouro do involucro, etc. A

atual diferença de preço em torno de 30% parece ser atrativo utilizar leite em pó, cuja vantagem poderia ser auferida ainda dependendo da marca (ITABE, GO-GO, etc), portanto o setor leite do Pará, depende também desta competitividade, que funciona como produto substituto.

Tomando o exemplo da cidade de São Paulo (situação em maio de 1981) no varejo o leite tipo C estava cotado a Cr\$ 36,00/litro e a lata de leite em pó de 400 gramas a Cr\$ 152,19. Isso dá a razão de Cr\$ 49,46/litro de leite em pó, fornecendo a porcentagem de 72,78% em comparação com o similar "in natura". Depreende-se daí, que percentualmente estas relações são as mesmas para Belém e São Paulo. Isto leva a analisar aspectos ligados a produção e consumo do leite em dois extremos:

1-A produção e consumo do leite na área central de produção, consumo e industrialização do leite; e

* 2-A antítese numa área consumidora de leite com frágil esquema de produção.

Qual seria a viabilidade desse segmento? - Uma vez que o primeiro segmento tem interesse na exportação do excedente de produção, competitividade em termos de custos, economia de escala, capacidade de industrialização, etc. Este fato torna-se mais visível quando considerarmos que no setor de leite em pó funciona um esquema de "cartel" em que somente a NESTLE domina aproximadamente 80% do mercado brasileiro de leite em pó. A criação de um aparato institucional de confiança, formando um público preferencial revela como sendo a solução mais satisfatória em termos de médio e a longo prazo para a formação de uma estrutura de abastecimento de leite "in natura" para a cidade de Belém.

* Outro dualismo observado, com mais intensidade no sul do país reflete as relações antagônicas entre produtores-consumidores quanto ao preço. Como norma dos primeiros estes procuram reclamar preços mais altos para seus produtos e os consumidores, sob a proteção do aparato governamental em tabelar os preços. Enquadra-se o leite na condição de produto tabelado, cujas consequências para uma política liberalizadora do preço, poderia trazer benefícios a médio e a longo prazo, para os consumidores pela oportunidade dos produtores no aumento da produção e reinvestimento de capitais e em novas técnicas a despeito de a curto prazo levar a um aumento no custo do produto.

5-CONCLUSÕES

- * a-O financiamento para fomentar a pecuária de leite deve ser feito para a construção de obras tais como a infraestrutura para produção de leite, e não para matrizes, uma vez que não existe definição de atividade de leite, a intenção deste é capitalizar em benefício da pecuária de corte. Pois pelo que observa a pecuária de leite é uma fase intermediária para a pecuária de corte daí em certa parte os fracassos dos programas governamentais em financiar matrizes, cercas, etc.
- * b-De início a atenção para fomentar a produção de leite deve ser atendida somente para os grandes, exatamente para formar a infraestrutura necessária para a entrada dos pequenos, isto é tanto para crédito, transporte do leite, etc. [No esquema atual para buscar 100 litros de um pequeno pecuarista indefinido está prejudicando toda a produção dos grandes produtores.] A cooperativa deve nesta fase de transição tomar um aspecto de sociedade anônima em vez de cooperativa.
- * c-restringir a dimensão da base leiteira num limite de até São Miguel do Guamá e deixar de buscar leite em distâncias tais como Paragominas e Piriá que encarecem o custo de transporte, prejuízos para as localidades mais próximas etc.
- d-centralizar as decisões da atual COLEITE em Castanhal pois lá é que concentra a produção de leite, bem como na melhoria da compra de insumos necessários para a atividade leiteira.
- e-no que concerne ao financiamento à pecuária de leite, não convém pulverizar os recursos entre dezenas de pecuaristas, nem contudo a uma minoria de produtores, mas sobretudo para aqueles que têm condições para ampliação da produção e da busca dos verdadeiros produtores. Basta afirmar que apenas 20 produtores do tipo DRR, GM ou EK, resolveriam o problema de leite em Belém e posteriormente para atendimento para pequenos pecuaristas.

Os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade do autor.

4.3.3 Número de Vacas ordenhadas, quantidade e valor do Leite produzido, segundo Micro-Regiões e Municípios – 1976–78

MICRO-REGIÕES E MUNICÍPIOS	1 9 7 6			1 9 7 7			1 9 7 8		
	No. DE VA- CAS ORDE- NHADAS	LEITE		No. DE VA- CAS OR- DENHA- DAS	LEITE		No. DE VA- CAS ORDE- NHADAS	LEITE	
		QUANTI- DADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)		QUANTI- DADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)		QUANTI- DADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)
12 MÉDIO AMAZONAS PARAENSE	19.447	4.711	13.718	17.280	4.036	14.126	19.761	4.653	17.615
Alenquer	5.210	1.605	4.815	5.291	1.640	5.741	6.641	2.059	5.147
Faro	1.360	469	1.126	400	108	378	450	120	600
Juruti	1.096	340	815	550	132	462	600	144	720
Monte Alegre	3.035	492	1.475	3.065	497	1.738	3.140	502	2.010
Óbidos	2.175	396	1.188	1.230	369	1.292	1.250	375	1.875
Oriziminá	1.923	633	1.582	2.050	492	1.722	2.100	504	2.520
Santarém	4.648	776	2.717	4.694	798	2.793	5.580	949	4.743
13 TAPAJÓS	255	95	322	277	103	359	543	191	1.149
Aveiro	54	18	54	55	18	64	295	97	584
Itaituba	201	77	268	222	84	295	248	94	565
14 BAIXO AMAZONAS	3.408	692	1.951	4.345	885	2.874	4.736	1.005	4.481
Almeirim	753	214	535	810	219	656	980	265	1.323
Porto de Moz	136	31	76	990	223	668	720	194	972
Praíha	2.529	447	1.340	2.545	443	1.550	3.036	546	2.186
15 XINGU	1.616	1.159	4.057	1.762	1.261	4.415	2.024	1.449	8.698
Altamira	1.608	1.157	4.049	1.745	1.256	4.397	2.006	1.444	8.666
São Felix do Xingu	8	2	8	17	5	18	18	5	32
16 FUROS	262	73	224	730	163	553	1.160	324	1.518
Afuá	37	7	23	411	74	259	445	112	558
Anajás	35	5	18	40	6	21	20	3	15
Breves	35	10	32	22	6	13	31	8	47
Curralinho	—	—	—	28	2	8	35	3	17
Gurupá	45	11	27	100	24	72	450	122	486
Melgaço	8	2	6	12	3	11	22	6	35
Portel	18	4	14	21	5	18	52	13	78
Senador José Porfírio	84	34	102	96	43	151	105	57	284
17 CAMPOS DE MARAJÓ	4.994	1.022	3.360	9.228	1.100	3.812	11.733	2.036	11.212
Cachoeira do Arari	954	183	550	2.300	253	886	2.700	567	2.835
Chaves	435	49	171	4.000	560	1.960	4.800	672	4.032
Muaná	307	62	216	198	35	123	300	54	324
Ponta de Pedras	61	9	22	550	40	100	733	70	281
Salvaterra	134	68	204	280	32	113	450	103	615
Santa Cruz do Arari	749	160	479	1.200	96	336	1.450	295	1.475
Soure	2.459	491	1.718	700	84	294	1.300	275	1.650
18 BAIXO TOCANTINS	139	39	123	91	30	102	111	32	199
Bagre	10	3	8	13	3	11	19	5	29
Baião	24	5	12	—	—	—	—	—	—
Barcarena	15	4	14	6	2	5	10	1	8
Camefá	22	3	7	—	—	—	—	—	—
Igarapé - Miri	10	3	9	12	3	11	16	4	26
Moju	58	21	73	58	21	73	62	22	134
Oeiras do Pará	—	—	—	2	1	2	4	—	2
19 MARABÁ	10.534	2.150	6.463	10.858	2.323	8.132	10.909	2.345	14.067
Itupiranta	123	21	62	126	21	75	329	56	336
Jacundá	75	18	53	78	19	66	250	60	360
Marabá	5.311	1.179	3.537	5.454	1.227	4.295	5.780	1.301	7.803
São João do Araguaia	4.908	903	2.709	4.800	960	3.360	4.100	820	4.920
Tucuruí	117	29	102	400	96	336	450	108	648
20 ARAGUAIA PARAENSE	8.264	2.002	6.008	14.218	3.306	11.571	15.951	3.648	18.243
Conceição do Araguaia	8.092	1.966	5.899	9.149	2.242	7.845	9.964	2.391	11.957
Santana do Araguaia	172	36	109	5.069	1.064	3.726	5.987	1.257	6.286
21 TOMÉ - AÇU	1.588	817	2.859	1.292	725	2.537	540	145	874
Acará	595	161	562	300	70	245	320	86	518
Tomé - Açú	993	656	2.297	992	655	2.292	220	59	356

Continua

4.3.3 Número de Vacas ordenhadas, quantidade e valor do Leite produzido, segundo Micro-Regiões e Municípios - 1976 - 78

Continuação

MICRO-REGIÕES E MUNICÍPIOS	1 9 7 6			1 9 7 7			1 9 7 8		
	No. DE VACAS ORDENHADAS	LEITE		No. DE VACAS ORDENHADAS	LEITE		No. DE VACAS ORDENHADAS	LEITE	
		QUANTIDADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)		QUANTIDADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)		QUANTIDADE (1.000 L.)	VALOR (Cr\$1.000)
22 GUAJARINA	27.533	7.958	20.093	28.595	8.057	20.504	29.406	8.336	24.533
Bujaru	18	41	122	22	16	55	50	14	81
Capitão Poço	1.158	462	1.386	950	257	898	1.010	273	1.636
Ititua	502	118	355	1.573	378	1.321	1.196	323	1.938
Ourem	2.886	1.036	3.108	1.150	414	1.449	1.150	446	2.678
Paragominas	20.437	5.600	13.439	21.000	5.900	14.160	22.000	6.160	15.400
São Domingos do Capim	2.532	701	1.683	3.900	1.092	2.621	4.000	1.120	2.800
23 SALGADO	402	124	429	414	135	474	602	185	715
Curuçá	19	2	7	24	4	15	24	4	26
Magalhães Barata	4	1	4	5	2	6	26	9	51
Maracanã	36	15	46	25	11	38	28	7	41
Marapanim	7	4	13	15	11	38	22	16	95
Primavera	156	50	176	186	60	212	210	68	171
Salinópolis	20	5	19	23	6	23	70	20	49
Santarém Novo	14	3	8	17	5	16	42	12	69
Santo Antonio do Tauá	36	12	42	9	3	11	10	3	20
São Castano de Odívalas	90	24	85	90	25	86	90	24	61
Viçia	20	8	29	20	8	29	80	22	132
24 BRAGANTINA	3.303	1.095	3.638	3.026	968	3.387	3.635	1.498	8.406
Augusto Corrêa	236	41	144	160	43	151	175	62	341
Bonito	245	101	304	285	77	269	362	98	586
Bragança	1.203	236	825	1.160	232	812	1.200	465	2.792
Capanema	192	159	478	260	140	491	320	173	864
Castanhal	422	195	681	460	212	741	663	305	1.830
Igarapé - Açú	43	20	60	45	21	73	34	16	94
Nova Timboteua	135	45	159	145	49	173	150	51	255
Inhangapi	35	12	44	43	15	54	100	36	198
Peixe - Boi	131	72	253	132	73	254	150	75	375
Santa Izabel do Pará	421	149	520	40	31	107	80	64	320
Santa Maria do Pará	66	14	36	64	14	49	65	33	163
São Francisco do Pará	15	6	23	16	7	24	76	55	328
São Miguel do Guamá	159	45	111	216	54	189	260	65	260
25 BELÉM	543	760	2.232	300	248	814	796	764	4.493
Ananindeua	113	191	572	40	33	117	48	96	184
Belém	290	336	1.009	115	101	354	596	572	3.433
Benevides	140	233	651	145	114	343	152	146	876
26 VISEU	820	203	610	425	115	401	440	126	694
Visau	820	203	610	425	115	401	440	126	694
ESTADO	83.108	22.900	66.080	92.841	23.455	74.061	102.347	26.737	116.897

Fonte: Fundação IBGE

1999

114.304